

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

AS MÚLTIPLAS FACES DA LEITURA: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE AS ARENDIZAGENS DA ESCOLA E DAS FAMÍLIAS

Sineide Cerqueira Estrela¹

Maria Eurácia Barreto de Andrade²

EIXO TEMÁTICO 12 - Estudos da Linguagem

Resumo

Este artigo apresenta a experiência vivenciada numa escola que atende da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental, localizada numa cidade do interior da Bahia, junto às famílias das crianças do 2º ano do ensino fundamental durante o ano de 2011. O projeto parte do pressuposto de que as interações alfabetizadoras que acontecem no interior das famílias são fundamentais para consolidar o alfabetizar letrando e entende que este desafio é de responsabilidade compartilhada com a família e a comunidade. Desta forma, alfabetizar letrando é aqui entendido na perspectiva de Magda Soares (1998) ao propor que o conhecimento do sistema de escrita da criança aconteça no contexto de interações com o material escrito real e sua participação em práticas sociais de leitura e escrita. Para a concretização dessa proposta levou-se em conta: reuniões com as famílias, vivências de rodas de conversa e de contação de histórias; visitas a eventos voltados para leitura, visitas a biblioteca, leituras de parques, jardins, praças e ruas; a escola vai até a sua casa e, por último salão de leituras. As considerações apontam para a riqueza dessa experiência, o interesse pelos livros e a melhoria dos níveis de letramento dos alunos, bem como uma maior cumplicidade entre escola, família e comunidade no ato de educar.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento; Família/escola e comunidade; Práticas de leitura.

Abstract

This article presents the lived experience of a school that serves kindergarten to 5th grade of elementary school, located in a town in Bahia, with families of children in the 2nd year of elementary school during the year 2011. The project assumes that literacy interactions that occur within families are essential to consolidate the literacy letrando and believes that this challenge is a shared responsibility with the family and community. Thus, literacy letrando is here understood in the perspective of Magda Soares (1998) propose that the knowledge of the writing system of the child occur in the context of interactions with the actual written material and participation in social practices of reading and writing. To achieve this proposal took into

account: meetings with families, experiences of rounds of conversation and storytelling, visits to events focused on reading, library visits, readings of parks, gardens, squares and streets, the school goes to his house and finally reading room. Considerations point to the richness of this experience, an interest in books and improving levels of literacy of students, as well as greater understanding between school, family and community in the act of educating.

Key-words: Literacy and literacy, Family/school and community; Reading practices.

1. Introdução

Ao longo da história da alfabetização no Brasil as práticas de alfabetização vêm evoluindo, tornando-se mais exigentes em decorrência das necessidades sociais, econômicas e políticas advindas da era da informação (Pretto, 2000) e de toda a evolução do conhecimento aí implicados que nos faz entender o quão complexo é o processo de aquisição da escrita (Ferreiro e Teberosky, 1999; Soares, 2003-2004 e Vigotsky, 1988) e quão necessário se faz a escola na atualidade e a urgência desta em articular-se às famílias e a comunidade enquanto contextos de ação alfabetizadora para que as aprendizagens construídas na escola e as aprendizagens que se realizam fora dela façam sentido e qualifiquem os processos de alfabetização.

Entendemos que se faz necessária a parceria entre escola, família e comunidade (Constituição Federal - CF 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96) e vários são os estudos que evidenciam a importância dessa articulação para melhoria do processo de alfabetização. Teberosky e Gallart (2004) são incisivas quando afirmam que a quantidade e a qualidade da educação recebida podem compensar as condições econômicas, reduzir pobreza e é instrumento de igualdade da desigualdade social principalmente em um momento em que a educação infantil ganhou status na área educacional e instrumento para as crianças que provém dos ambientes sócio-econômico desfavoráveis.

Outros estudos também reconhecem a importância da articulação entre escola e família como, por exemplo, as pesquisas de Feintein e colaboradores que atestam que:

[...] o rendimento dos meninos e das meninas, aos 7 anos, dependiam das horas que passam nos centros escolares, dos que passam com a mãe e dos que passam com outros cuidados [...] o interesse dos pais pela educação de seus filhos era também uma variável importante, que provocava um aumento

de 20% no resultado das provas [...]. FEINTEIN e colaboradores (1999) apud FRERS (2004, p. 16)

Vitoria Purcell-Gates, em texto intitulado “A alfabetização familiar: coordenação entre as aprendizagens da escola e as de casa” assim se posiciona: “[...] sabemos cientificamente que as interações alfabetizadoras no seio familiar são cruciais para suas aprendizagens e, portanto, é necessário realizar ações educativas orientadas para esse fim”. (PURCELL-GATES, 2004, p. 29).

Diante de tais evidências, conforme pontuamos acima, é que se insere o projeto Alfabetizar letrando: uma parceria família, escola e comunidade, pois sabemos que para a formação de leitores e escritores exige uma aprendizagem prática, isto é, a participação das crianças nas práticas letradas, uma vez que colocar a criança apenas na presença do acervo é insuficiente, portanto, a formação de bons leitores e escritores remete aos diferentes registros linguísticos dos textos que serão lidos e escritos e assim, proporcionar aos alunos participar para além da sala de aula, de atividades de interação alfabetizadora em suas casas, nas ruas, praças e parques, enfim, na comunidade, estaremos contribuindo para propiciar o letramento simultâneo com os processos de aquisição do sistema convencional da escrita.

Com efeito, são objetivos desse trabalho: proporcionar, nos diferentes espaços educativos, relações intersubjetivas entre o aluno, o adulto e o idoso; fortalecer a prática de leitura e escrita a partir das interação escola/família/comunidade; mobilizar adultos e idosos para contribuir para a aprendizagem da leitura e da escrita; resgatar os contadores de histórias locais e compartilhar leituras de diversos gêneros literários.

Assim posto, a nossa intenção com esse artigo é discorrer sobre o desenvolvimento do projeto de alfabetizar letrando no contexto da articulação escola/família, evidenciando os processos desenvolvidos durante um ano (ano de 2011), envolvendo atividades vivenciadas na escola, na biblioteca municipal, parques, jardins, ruas e casa dos estudantes, bem como os passeios a eventos de fortalecimento das práticas leitoras com as famílias das crianças e as crianças, bem como leituras realizadas nas casas dos estudantes, momentos em que a escola vai até as casas para ler com os familiares e seus vizinhos e convidados.

2. Caminhos Metodológicos

Os caminhos metodológicos se inscrevem no processo formativo a partir das inquietações das professoras dos 21 alunos do 2º ano do ensino fundamental, cuja faixa etária

foi de 6 a 9 anos de idade e que não tinham sido despertado pela paixão de leituras e livros. Do total dos alunos participantes do projeto apenas dois conseguiam ler palavras e frases.

A princípio, apresentamos a proposta de trabalho à direção da escola e agendamos um encontro com as famílias para apresentarmos a proposta de trabalho, seus objetivos e etapas. Nesse encontro foi possível traçar o perfil do grupo. Das vinte e uma mães apenas duas tinham curso de pedagogia, dezoito tinham feito magistério e apenas uma não teve oportunidade de estudo. Foi possível perceber que eram poucos os eventos de leituras em famílias, isto é, famílias que tinham o hábito de ler para os filhos ou ler com os filhos. Nesse momento apresentamos estudos e pesquisas que evidenciam a importância dessas interações leitoras nas famílias. O grau de envolvimento e interação do grupo foi o ponto alto desse encontro, passamos horas e horas conversando, vivenciamos sessões de contações de história, etc.,. Agendamos outro encontro, agora envolvendo os professores da turma e os pais, para tratarmos de sugestões de práticas leitoras, o que aconteceu de forma muito interessante e as famílias estavam todas envolvidas no projeto.

Como o trabalho tenciona uma mudança e fortalecimento das práticas leitoras e escritoras através da parceria escola/família e pesquisadora, podemos caracterizar como pesquisa ação, já que há um interesse coletivo na resolução de um problema ou atender a uma necessidade e essa tem sido a intenção da pesquisadora, das professora e das famílias. Thiollent é bem esclarecedor nessa questão ao definir pesquisa-ação como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisados e participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 1986, p.14)

Nesse processo, envolvemos professores, famílias, crianças e pesquisadora. Foi um processo de respeito, discussões e problematizações. No decorrer das atividades foi possível uma compreensão das atitudes das crianças e seus familiares frente ao fascínio pelos livros e as atividade vivenciadas, que envolveu visitas às casas dos alunos às sextas-feiras a partir de sorteio, pois todos queriam levar os colegas, a pesquisadora e suas professoras para casa, passeio literários, sorteio de mala viajante todos os dias para leitura em família com recontos dos textos lidos em um caderninho, rodas de conversas, ciranda de leitura, produção de histórias coletivas. Tais atividades tomaram uma dimensão jamais pensada, um evento que era apenas para o 2º ano acabou sendo estendido para toda a escola, pois os alunos das outras turmas começaram a pressionar as professoras para levar a mala e visitar os espaços de

leitura. Tudo acontecia como um momento único de aprendizagens múltiplas, afetividade e interações.

3. Alfabetização e letramento: buscando uma compreensão

Os desafios postos acima se enriquecem, pois partimos do princípio de que colocar alunos em contato com a diversidade de leituras é condição de se tornarem leitores, inserindo no mundo letrado para que possa ler e escrever com competência e responder as demandas do seu tempo.

TEBEROSKY (1997) utiliza o termo “conhecimento letrado” para se reportar às experiências sociais e os diferentes gêneros textuais. Chama a atenção para o fato de que os professores escritores deverão ser os primeiros leitores e estar em contato com os mais diversos tipos de leituras, lendo ou ouvindo. Assim garantimos, além da manipulação dos textos, o estímulo à interpretação, que pode acontecer com a ajuda do outro ou de um adulto mais experiente. Para a autora, o conhecimento “supõe saber ler ou escutar a leitura e que a possibilidade de compor textos supõe conhecer as normas de como colocar esta linguagem na sua forma gráfica” (TEBEROSKY 1997, P. 99)

Ainda segundo Teberosky (1997), a competência da escrita e da leitura resulta da prática, das vivências, das experiências comunicativas. A competência do uso da função social da leitura e da escrita vai exigir não só o contato com os diversos gêneros textuais, mas a explorar a compreensão e a produção dos textos.

A autora sinaliza que é importante trabalhar a função social de cada gênero textual, “os propósitos comunicativos são a base para determinar os gêneros, ou, dizendo de outro modo, os gêneros se identificam à base do uso e da necessidade comunicativa” (TEBEROSKY, 1997, p. 87) daí a importância de se alfabetizar letrando. A esse respeito Soares é bastante esclarecedora ao afirmar que o indivíduo letrado é aquele que “[...] vive em estado de letramento, é não só aquele que saber ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica leituras e a escrita responde adequadamente as demandas sociais de leitura e de escrita.” (SOARES, 1998, p. 39-40)

É dentro desse contexto que Soares (2003) propõe que a alfabetização aconteça no contexto das práticas sociais de leitura e escrita. Defende o “alfabetizar letrando” ao considerar que a criança constrói seu conhecimento do sistema de escrita no contexto de interações com o material escrito real e de participação em práticas sociais de leitura e escrita.

Ferreiro nessa mesma linha de pensamento estabelece que alfabetização visa a “compreensão do modo de representação da linguagem que corresponde a um sistema alfabético da escrita, seus usos sociais e a construção e compreensão de textos coerente e coesos” (FERREIRO,1993, P. 25). Assim posto, a autora deixa clara a amplitude do conceito de alfabetização, não fala em letramento, mas este está implícito já que analisando o objetivo por ela proposto temos aí implicados tanto o processo de aquisição do código escrito quanto o desenvolvimento das habilidades leitora e escritora. Para a autora é função da alfabetização: “[...] ler o que os outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de ”dizer do escrito” esteja mais democraticamente distribuído. Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta” FERREIRO, 1993, p. 54 – grifo da autor).

4. Práticas leitoras: com a palavra, as famílias

Essa visão mais ampla do processo de alfabetização na direção do alfabetizar letrando implica diversificar e qualificar os espaços e tempos de aprendizagens, estreitando os laços e as responsabilidades escola, família/comunidade, calcado no respeito e na confiança, na afetividade que reconhece e valoriza os saberes. Ao participar do referido projeto e das atividades e interações alfabetizadoras em suas casas e na comunidade, estaremos garantindo o aprendizado da escrita como um signo lingüístico, mas também as formas com que a escrita representa significados: o código escrito suas funções e usos. Ao praticar a leitura de contos em casa estaremos melhorando o vocabulário e a linguagem com o incremento de palavras novas, motivá-los a ler, fortalecendo o diálogo e leituras em família.

Gallart (2004, p. 51) lembra que “[...] A entrada da comunidade na aula é uma ajuda para o professorado, que tem por objetivo acelerar as aprendizagens [...] potencializando a inclusão a partir da intersubjetividade.

A partir dessas considerações, entende-se que a participação das famílias contribua para a alfabetização inicial, sendo determinante a prática do letramento escolar e das famílias conforme sinaliza Gallart “[...] o processo de alfabetização depende das coordenadas das aprendizagens que se desenvolve nos diferentes espaços e das relações de vida das crianças’. GALLART (2004, p. 42).

É dentro desse contexto que a autora chama a atenção para as diferentes práticas letradas na vida cotidiana das crianças em função dos diferentes usos que a escrita assume em

suas casa e que as vezes são diferentes das práticas escolares e que acabam sendo rechaçada pelos jovens de uma das culturas.

Rojo (2005), em texto intitulado concepções não-valorizadas de escrita: a escrita como “um outro modo de falar” ao discutir as variadas concepções sobre a escrita emergente das interações sociais adulto/criança e como estas são desvalorizadas ou cristalizada e mesmo mitificadas, afirma que “o desenvolvimento da linguagem escrita [...] ou do processo de letramento da criança é dependente, por um lado, do grau de letramento da (s) instituição (ões) – família, (pré) escola, etc. – em que esta está inserida. Ou seja, da maior ou menor presença, em seu cotidiano, de práticas de leitura e de escrita [...]” ROJO (2005, p. 89).

Terzi, apoiada em Clarck (1976), Wells (1985 e 1986), atribui ao ambiente familiar rico em eventos de letramento ao maior sucesso no desenvolvimento inicial da leitura e nas primeiras séries e ressalta os benefícios desse ambiente ao afirmar que:

[...] A exposição constante da criança à leitura de livros infantis expande seu conhecimento sobre estórias em si, sobre tópicos de estórias, estrutura textual e sobre a escrita. Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre a linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita e a sumarizar a estória e fazer inferências [...] TERZI (1995, p. 93).

A autora ressalta a leitura de livros antes de dormir, isto é, história noturna como evento de letramento que mais ajuda a estabelecer padrões de comportamento. A autora lamenta que poucos pais têm consciência de que “[...] a leitura de histórias significativa como preparação para o tipo de aprendizagem e de demonstração de conhecimento esperado pela escola” TERZI (1995, p. 96).

É com essa preocupação, que pretendemos inserir a leitura no centro desse projeto, pois estaremos reafirmando um trabalho interativo entre escola/criança/família, o que será feito através da vivência de situações leitoras numa infinidade de espaços: bibliotecas, museus, praças, parques, casas, ruas, etc, enfim, utilizar todo o espaço da comunidade. Nossa proposta tem a intenção de expor as crianças aos usos e funções da escrita e leitura de diversos tipos de textos e com objetivos dos mais diversos, na tentativa de que eles compreendam a escrita como expressão de sentido, participando de feiras de livros, visitas à bibliotecas, museus; passeios e leituras em jardins, praças, exposições de material produzido, contos e recontos de histórias, dramatizações; visitas agendadas da escola às casa dos alunos para rodas de leitura, utilização da mala viajante, enfim, serão usadas as mais diversas estratégias em que será utilizada a leitura e escrita nas práticas sociais.

Tais atividades são pertinentes porque são geradoras de interações, altas expectativas, auto-estima e motivação para a leitura, fatores que, aliados com a dimensão instrumental e a transformação do contexto contribuem, segundo Gallart (2004) para o desenvolvimento da alfabetização inicial. Para tanto, torna-se necessário apostar mais nas interações e significados compartilhados nos diferentes espaços escolares e extra-escolas, relações intersubjetiva ente criança, adulto e idoso. Essas interações, como sabemos, ajudam a criança a construir a percepção sobre suas capacidades e são fatores que, segundo a autora, contribuem para superar dificuldades de aprendizagem com a leitura e escrita. Ajudar as crianças a alcançar níveis cada vez mais alto de aprendizagem vem de encontro com a política de que todos são responsáveis pela educação. A própria LDB coloca a educação como direito de todos e um dever compartilhado com a escola, família e comunidade.

Ao colocar educação como um dever compartilhado, o que se intenta, na realidade, é reconhecer os vários espaços e sujeitos envolvidos no ato de educar. É acreditar na alfabetização como prática social e como tal, capaz de possibilitar aos sujeitos a compreensão crítica da realidade e pela importância, parte integrante de um projeto de sociedade. A própria Kleiman (1995) pontuava que letramento extrapola as práticas escolares pois é entendido como prática social desenvolvida em diversos instituições sociais, dentre as quais a família, a Igreja, etc.

É conceber a criança como sujeito real, concreto inseparável do contexto social no qual se insere, é acreditar no papel da família e seus membros nesse processo grandioso que é educar. Não estamos, com isso, querendo minimizar o papel primordial da escola como contexto de alfabetização, muito pelo contrário, implica estar consciente de que a aprendizagem inicial, concordando com Gallart “[...] depende da quantidade e o tipo de interação das meninas e dos meninos com a cultura escrita, assim das coordenadas de todas as aprendizagens que ocorrem em suas vidas” GALLART (2004, p. 50).

Concordamos com Gontijo quando coloca a alfabetização como prática social e cultural e como tal, [...] é uma atividade que se desenvolve entre pessoas, em determinados espaços institucionais, em decorrência das necessidades geradas pela vida em sociedade para fazer uso da escrita para se comunicar, se posicionar, questionar, concordar GONTIJO (2008, P. 198) e é só nessa perspectiva dos usos e funções que se pode falar em alfabetização como processo de produção de sentidos. Sentidos esses que só podem ser gerados no ato de ler e

escrever textos reais de e/ou para pessoas reais que sentem, pensam e manifestam suas opiniões com consciência.

E é nesse caminho de dizer o que sente e pensa, na alfabetização como processo de construção de sentido, que damos a palavras aos pais, que mais do que ninguém, podem dizer daquilo que participaram, construíram conosco a cada momento dessa linda caminhada, dessa viagem que só os livros podem nos proporcionar:

“Olha, gostei muito do projeto de leitura. Amei ter levado o meu filho para a feira de livros e gostei de fazer passeata nas ruas, em fim, amei tudo. Que o Senhor Jesus lhes dê muita esperança para o ano que vem, vocês tiverem uma boa disposição para fazer de novo.

Aquineide, mãe de José Arthur

“Falar do projeto de leitura para mim é muito gratificante. Foi muito bem elaborado, as crianças as vezes não tem prazer em leitura, mas com essa atividade, eles olham a leitura não como bicho se sete cabeças, mas com muito prazer e satisfação. A escola em geral está de parabéns pelo empenho e a criatividade.

Ariana, mãe de Deivison

Eu gostei muito, achei muito interessante principalmente no desempenho de meu filho que ele me surpreendeu muito demonstrando um bom desempenho que ele nunca me demonstrou tanto interesse e desenvolveu assim tanto.

Mariza mãe de Luis Carlos

Além das crianças se divertir e aprender a ler é um grande projeto de aprendizagem e de educação para o futuro melhor. Eu adorei a mala viajante!

.Mãe de Tainã

O projeto foi muito bom, pois através dele minha filha ficou encantada pela pelas histórias (...).

Silvana mãe de Camila Silva

Eu achei maravilhoso, pois desenvolveu muito mais. Foi gratificante, Iago se interessou bastante, ele lê mais, nas ruas, propagandas, letreiros, etc.

Chirle mãe de Iago

Infelizmente não pude acompanhar o meu filho nesta grande riqueza que é a literatura, e sem sombra de dúvidas, foi um projeto sem igual.

Marcela mãe de João Melck

Há! Achei interessante, muito bom, estão de parabéns tanto vocês como os alunos. Outros professores poderiam dar continuidade incentivando ainda mais o processo e leitura e é claro com nossa ajuda também. Arrasou mesmo, um abraço.

Gel mãe de Ruam

Com a chegada da mala viajante na minha casa, no primeiro momento, levei um grande susto com gritos, alvoroço [...] sair do quarto tremendo. Era uma mala com livros que Arthur trazia e naquele momento tudo parou [...] ele queria que todos parassem para ler, tipo todos sentados no chão e era sempre assim com a chegada da mala: desarruma toda a sala para ler. Lembro que ele disse para a mãe: amanhã a escola vem ler aqui, e foi mais uma algazarra enfeitar a casa. Ele queria muita arrumação: doces, livros, imagens[...] saiu convidando todo mundo “vai para a minha casa que a escola vai visitar e ler”. E foi uma manhã linda com muitas pessoas lendo: os alunos, os vizinhos, velhos que nunca saiam de suas casas[...] Parabéns!

Reginaldo pai de Arthur Amaral

5. Considerações

A riqueza desse trabalho ficou traduzida na dimensão que ele tomou, de um projeto pensado para uma turma, acabou que sendo vivenciado por toda a escola, o que prova que nossos alunos gostam de ler, apreciam os livros, as rodas de leituras, as leituras vivas (leituras de praças, de ruas, leitura com a família etc), o que precisa é diversificar os tempos e espaços, trazer a leituras nos seus usos e funções, como elemento vivo, necessário, condição de cidadania. O percurso investigativo, possibilita inferir que as práticas leitoras em famílias são estratégias ímpares para a alfabetização com sentido a partir das práticas sociais, para o desejo de ler, de estreitar laços. Os contadores de história são personagens importantes nesse

contexto, e quando se trata dos idosos, ainda melhor, porque resgata sua auto-estima e provoca nas crianças o respeito ao idoso, tão necessários em termos de barbáries com os direitos humanos.

O projeto alfabetizar letrando: uma parceria escola, família e comunidade, reafirma os estudos de Gallart (2004) quando pontua que a participação da comunidade na aula, ajuda a acelerar as aprendizagens, contribuindo para a alfabetização inicial, o que corrobora a professora da turma envolvida no projeto, quando afirma:

“As atividade vividas pelos alunos durante o projeto ajudou muito a melhorar os níveis de letramento do grupo, uma vez que além deles diferenciarem os diversos textos trabalhados, aumentou o interesse por leitura, já vão até para a estante pegar livros. Melhorou a escrita com os recontos, se ver no DVD aumentou a auto-estima. Cada vez mais procuram por livros e mala virou uma “febre” todos querem levá-la para casa, eu tive que fazer mais uma. A escola toda tem mala agora. Os alunos disputam na hora de ler, ave, até tem hora que perco a paciências, todos querem ler ao mesmo tempo [...] e os pais estão cobrando que eu fique com a turma no próximo ano e continue o projeto. Você me ajuda?”

Referências

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- _____. **Lei N° 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União: Brasília, 23 de dezembro de 1996.
- FERS, Natália. Situação da Educação Infantil na Espanha: perspectiva socioeconômica. IN: TEBEROSKY, Ana; GALLART, Marta Soler (ET AL). Trad. Francisca Settinere. **Contextos de alfabetização inicial**, Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 4ª Ed. Trad. Maria Zilda da Cunha Lopes. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 40 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GALLART, Marta Soler. **Leitura dialógica: a comunidade com ambiente alfabetizador**. IN: TEBEROSKY, Ana; GALLART, Marta Soler (ET AL). Trad. Francisca Settinere **Contextos de alfabetização inicial**. Porto Alegre. ArtMed, 2004.

PURCELL-GATES Vitoria. **A alfabetização familiar: coordenação entre as aprendizagens da escola e as de casa.** IN: TEBEROSKY, Ana e GALLART, Marta Slé (et al). Porto Alegre. ArtMed, 2004

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Concepções não-valorizadas de escrita: a escrita como “um outro modo de falar”. In: Kleiman, Ângela B. (org.) **Os significados do letramento uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: mercado de Letras, 1995 (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as múltiplas facetas.** Trabalho apresentado no GT alfabetização, leitura e escrita, durante a 20ª Reunião da ANPED. Poços de Caldas de 5 a 8 de outubro. Disponível em WWW.anped.org.br. Acesso em 23 de setembro de 2011.

TERZI, Sylvia Bueno. A Oralidade e a Construção da Leitura para Crianças de Meio iletrado. In: KLEIMAN, Angela B. (org.) **Os significados do letramento uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: mercado de Letras, 1995 (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

TEBEROSKY, Ana. **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática.** São Paulo: Ática, 1997.

¹ Mestranda em Educação pela Universidad Hispano Guarani, Pedagoga pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Especialista em Supervisão Escolar (UEFS), Educação e Novas Tecnologias da Educação, também pela UEFS e Docência do Ensino Superior pela Faculdade João Calvino. E-mail: sineidestrela@hotmail.com

² Mestre em Educação na linha de pesquisa de Inovação Pedagógica – Universidade da Madeira, Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação (UNEB) e Psicopedagogia Aplicada a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, também pela UNEB. E-mail: nateandrade@bol.com.br